



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**MICHELE ANDRADE DE MORAIS**

**AS FACES DE EUNICE:  
MULHER E REPRESENTAÇÃO NO CARIRI PARAIBANO**

**MONTEIRO - PB  
2018**

**MICHELE ANDRADE DE MORAIS**

**AS FACES DE EUNICE:  
MULHER E REPRESENTAÇÃO NO CARIRI PARAIBANO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
em Letras-Português da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção  
do título de Graduada em Letras-Português.  
Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Medeiros da  
Silva.

**MONTEIRO - PB  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M827f Morais, Michele Andrade de.  
As faces de Eunice [manuscrito] : mulher e representação no Cariri Paraibano / Michele Andrade de Morais. - 2018.  
45 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. História Oral. 2. Mulher e Patriarcalismo. 3. Eunice Braz de Macedo. 4. Estudo de gêneros.

21. ed. CDD 808.5

MICHELE ANDRADE DE MORAIS

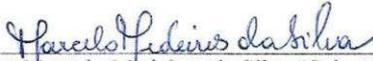
AS FACES DE EUNICE:  
MULHER E REPRESENTAÇÃO NO CARIRI PARAIBANO

Artigo, apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras-Português.

Área de concentração: Literatura/Estudos de Gênero.

Aprovada em: 13/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Me. Adilson da Silva Tavares  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Ramon de Alcântara Azeiteiro  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Aos meus pais, por me ensinarem o valor imensurável da educação, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me proporcionado o dom da vida e nela poder vivenciar momentos inesquecíveis ao longo desse curso.

Aos meus pais que sempre me incentivaram nos estudos. Na infância meu pai confeccionou letras para que eu “brincasse” aprendendo. Ele oportunizou o meu primeiro contato com as letras. E sempre disse: “o que posso lhe deixar é a educação”. Isso é o maior presente que ele poderia me oferecer.

A minha mãe que durante todas as fases educacionais que vivenciei até aqui, esteve sempre como minha ouvinte, conselheira e ajudante. Nunca deixou que as dificuldades tirassem de mim o sorriso e a esperança de que os desafios de hoje, são o caminho para um sucesso futuro.

A minha avó que abriu as portas de sua casa durante quase quatro anos, para que eu pudesse conciliar os estudos e o trabalho.

E hoje, de forma singela, dedico o título de Graduada a vocês, com todo amor e alegria que preenchem meu ser ao conquistarmos juntos, esse sonho.

Agradeço a todas as amigas feitas no decorrer desses cinco anos, dentro e fora da Universidade. Em especial, as minhas companheiras de batalha universitária: Evellyn, Flaine, Jaqueline, Joseilma, Larissa e Marisa. Não sei como os dias teriam sido sem a presença delas. Apenas, tenho a certeza, que com a contribuição singular de cada uma, essa fase da minha trajetória jamais será esquecida. Construímos laços de afeto, em meio a conquistas, desafios, questionamentos, inseguranças, muitos risos, algumas lágrimas e sonhos, tantos sonhos, que espero se realizarem para todas nós.

Meus sinceros agradecimentos a todos os entrevistados que colaboraram para o desenvolvimento desta pesquisa.

E por fim, minha eterna gratidão a todos os meus professores ao longo da minha vida acadêmica, na pessoa do meu Orientador, Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva que de forma ímpar, através de uma conversa informal em um dia comum, na xerox, me sugeriu a ideia de fazer a presente pesquisa. Obrigada pela paciência, orientação e oportunidade de aprender.

O homem constrói o sentido de sua existência e sua razão de ser a partir do trabalho, da guerra e da responsabilidade. A mulher vive as relações mais profundas consigo mesma, isto é, com as forças da vida e da morte a partir das quais a inteira relação com ela mesma se move.

Alan Touraine

Viver em sociedade é um desafio porque às vezes ficamos presos a determinadas normas que nos obrigam a seguir regras limitadoras do nosso ser ou do nosso não ser...

Quero dizer com isso que nós temos, no mínimo, duas personalidades: a objetiva, que todos ao nosso redor conhecem; e a subjetiva... Em alguns momentos, esta se mostra tão misteriosa que se perguntarmos - Quem somos? Não saberemos dizer ao certo!!!

Clarice Lispector

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>MULHER, VIDA E MEMÓRIAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE BIOGRAFIA E GÊNERO .....</b>	<b>10</b>
2.1	<b>Eunice Braz: a mulher em seu tempo (dados biográficos) .....</b>	<b>17</b>
2.1.1	<i>Eunice Braz: a mulher-artista e o exercício da docência .....</i>	<b>22</b>
2.1.2	<i>Eunice Braz: da mulher empreendedora e de seu amor a natureza .....</i>	<b>26</b>
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>33</b>
	<b>APÊNDICE A – QUESTÕES DA ENTREVISTA .....</b>	<b>35</b>
	<b>ANEXOS – RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS .....</b>	<b>36</b>

## AS FACES DE EUNICE: MULHER E REPRESENTAÇÃO NO CARIRI PARAIBANO

Michele Andrade de Moraes<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho insere-se no rol de pesquisas acerca das representações da Mulher no interior do cariri paraibano na segunda metade do século XX. Para tanto, elegemos como objeto de estudo a figura de Eunice Braz de Macedo, uma mulher que, nascida no oitocentos, desafia os códigos comportamentais de uma sociedade extremamente machista e patriarcal, como era a do município de São José dos Cordeiros na Paraíba. A organização do estudo deu-se, a partir de um conjunto de entrevistas com quatro pessoas que conviveram com Eunice Braz, as imagens e as representações que os entrevistados têm acerca dela e refletir até que ponto essas imagens são construções do imaginário local e, portanto, estão condicionadas pelo que espera ser o “lugar” social da mulher, visto que Eunice Braz rompeu com muitos desses lugares destinados às mulheres de sua época. Para realização do presente estudo, valemo-nos dos estudos de gênero como aporte teórico e, como instrumental metodológico, guiamo-nos pela História Oral. Esperamos com o nosso estudo prestar uma contribuição aos trabalhos acerca das representações da mulher em nossa sociedade, especialmente das mulheres que tiveram um papel ativo em espaços públicos de atuação ao investigar as imagens ou discursos que sobre Eunice Braz foram construídos na cidade de São José dos Cordeiros - PB.

**Palavras-Chave:** Mulher. Gênero. Eunice Braz.

### 1 INTRODUÇÃO

Notamos que historicamente o papel social da mulher foi por diversas formas associado ao espaço doméstico onde tinha apenas as funções de procriar e cuidar do lar e dos membros que o compunham. Com o advento da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Industrial, cujo impacto retirou muitos homens de seus lares para os campos de batalha, as esposas, mães e filhas tomaram para si o comando do lar na ausência da figura masculina, como também a indústria começou a necessitar da mão de obra dessas trabalhadoras que, antes reservadas apenas às obrigações domésticas, agora também estavam presentes nas fábricas, na indústria, no comércio, desenvolvendo um contato direto com o meio social e, mesmo com algumas interdições, transitando pelo espaço público.

Essas mudanças sociais impeliram as mulheres à luta por igualdade de direitos, o que culminou no surgimento de movimentos que passaram a lutar por demandas próprias do feminino, tais como: o direito à educação, ao voto, ao fim das assimetrias no campo do

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI.  
Email: micheleamorais@gmail.com

trabalho. Nessa luta, algumas mulheres, por sua personalidade e participação ativa na busca por igualdade e visibilidade, ganharam destaque porque foram aos poucos lutando contra as desigualdades de gênero, razão por que a história de vida dessas mulheres e de suas lutas contra os ditames de uma sociedade patriarcal ainda é o escopo de muitas pesquisas que têm procurado compreender o papel das mulheres para além do espaço privado.

Nesse sentido, ao voltarmos nosso olhar para o início do século XX, em especial, no cenário do cariri paraibano, notamos a ausência de estudos sobre a atuação de mulheres nesse espaço e dentro desse demarcador temporal. Por isso, acreditamos que o estudo sobre a trajetória de vida de Eunice Braz de Macedo pode preencher tal lacuna, visto que, a partir da reflexão acerca da figura feminina dela, intentamos tecer algumas reflexões a respeito de como era o lugar da mulher na sociedade caririzeira e, mais do que isso, como, de certa forma, Eunice Braz vai minando as rígidas imposições do sistema de sexo/gênero que modelava o espaço social em que ela vivia.

Nascida no município de Sumé – PB, crescida em meio a uma família abastada, possuidora de escolaridade, casada com o próprio tio e, depois de viúva, ainda muito jovem, detentora da fortuna de sua família, Eunice Braz insere-se no rol de mulheres rebeldes que romperam com certos estereótipos acerca do feminino e se opuseram aos rígidos códigos comportamentais impostos por uma sociedade de base ainda patriarcal. A partir do estudo da trajetória de vida dessa mulher, a presente pesquisa procura prestar uma contribuição à memória de mulheres que influenciaram e contribuíram para a cultura local a partir da atuação em espaços públicos.

O trabalho tem, portanto, como objetivo geral investigar as imagens ou discursos que sobre Eunice Braz foram construídos na cidade de São José dos Cordeiros - PB. Atrelados a esse objetivo, intentamos também, compreender como ela desponta como exemplo de uma mulher transgressora frente às imposições de gêneros no cariri paraibano; refletir acerca da importância de Eunice Braz na compreensão dos modos de participação do feminino na esfera pública no cariri paraibano; contribuir para os estudos de gêneros a partir da investigação de trajetórias de mulheres no cenário público, o que pode auxiliar na compreensão da sociedade do cariri paraibano no início do século XX.

Aventamos como hipótese que Eunice Braz esteve, de certa forma, à frente de seu tempo e que a sua presença em espaços e decisões sociais trouxe para ela implicações em virtude de, por sua condição de gênero, ela não seguir com o destino do feminino conforme era esperado socialmente. Sendo assim, a nossa questão de pesquisa centra-se em investigar, a partir de entrevistas realizadas com sujeitos que conviveram com Eunice Braz, quais as

imagens que foram construídas em torno dela e como essas imagens revelam o lugar que era traçado para o feminino na sociedade da época, lugar esse contra o qual Eunice, segundo nossa perspectiva, se rebelou.

[...] fazer prevalecer a pluralidade das facetas das personagens biografadas, multiplicando dados, pontos de vista e costumes. Essa construção/desconstrução biográfica reserva-se assim, como campo de investigação, a vida póstuma do biografado e suas inúmeras transformações de imagem. (DOSSE, 2009, p. 46).

Ao usarmos como *corpus* de análise o discurso de diferentes sujeitos que conviveram com nossa personagem em momentos e situações que marcaram a trajetória de Eunice Braz, pretendemos identificar a representação feminina nos depoimentos feitos pelos moradores cordeirenses, ou seja, fazer uso das *memórias orais* construídas e reproduzidas ao longo de mais de meio século. Diante desse quadro, se faz necessário resgatar os vestígios deixados pela trajetória da nossa personagem, para assim, compreendermos seu perfil feminino e as interações por ela produzidas, levando em consideração uma conjuntura, na qual a participação feminina era reservada a taciturnidade e em muitos casos, ao esquecimento. Isto posto, “[...] a partir dessa interação constante entre o mundo e a pessoa que evolui em meio a histórias cruzadas que se constitui a singularidade dos múltiplos percursos que formam uma sociedade”. (DOSSE, 2009, p. 343).

O nosso trabalho não se trata de uma biografia, mas fizemos uso de algumas informações sobre a história de vida de Eunice Braz, na tentativa de construirmos, gradativamente, a(s) imagem(s) acerca dela como mulher e de sua atuação no meio social paraibano. De acordo com Pinsk (2006, p. 209), “[...] dois eixos claramente imbricados podem explicar hoje esse interesse pelas biografias: os movimentos da sociedade e o desenvolvimento das disciplinas que estudam o homem em sociedade”. A razão de nos determos de certa forma na trajetória de vida de Eunice Braz deve-se ao fato de a vida dela ser repleta de aspectos que a distinguem das mulheres de seu tempo, além de o nome dela até hoje figurar em narrativas populares no município cordeirense como “aquela mulher estranha”, seja na “contação de histórias/causos”, passada de geração para geração, ou quando se fala de figuras emblemáticas da região.

Em virtude dos objetivos elencados acima, nosso trabalho divide-se em duas partes. A primeira, contextualiza de forma objetiva os principais movimentos que influenciaram de forma gradativa a atuação da mulher no cenário público do século passado, evidenciando de forma breve, o modo como tais acontecimentos refletiram para o pensar e agir feminino dentro da região do cariri. A segunda parte, traz os relatos produzidos nas entrevistas e

também os depoimentos coletados em conversas tanto com familiares, como também com (ex)moradores do município e as opiniões díspares sobre a atuação feminina de nossa personagem em meio a supremacia masculina corrente entre as décadas de 50 e 90.

As entrevistas realizadas tiveram um roteiro antecipadamente semiestruturado. Os discursos proferidos acerca da representação feminina de Eunice Braz tiveram como base norteadora, perguntas previamente elaboradas, que priorizaram momentos específicos da vida de Eunice Braz, assim, nos possibilitando (re)construir um perfil feminino tão díspar das demais mulheres da região. Dentre os sujeitos entrevistados, estão, um biólogo que, desde 2002, gerencia a Reserva Particular do Patrimônio Natural Fazenda Almas (RPPN), propriedade esta, deixada por nossa personagem como patrimônio ambiental; uma historiadora/professora do município; uma de suas irmãs mais próximas, e um padre que foi responsável pela igreja do município na época em que Eunice Braz era viva.

A organização da pesquisa transcorreu entre os meses de janeiro a março de 2018, em que foram realizadas as entrevistas e coleta de dados através de relatos informais sobre a personagem aqui pesquisada. Os relatos produzidos através das questões previamente elaboradas, foram gravados em áudio por meio de autorização dos entrevistados. Posteriormente os discursos foram transcritos e encontram-se como anexos deste trabalho.

Procurando expandir o horizonte dos estudos sobre a contribuição feminina na esfera pública/privada, mais especificamente no interior paraibano, trazemos a público fragmentos das memórias orais deixadas pela trajetória de uma mulher de atitudes singulares, as quais, que mesmo depois de seu falecimento, estão vivas nos discursos de uma população. Eunice Braz abre um vasto caminho de interpretações sobre a figura feminina e sua interação com as transformações contemporâneas no século XX.

## **2 MULHER, VIDA E MEMÓRIAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE BIOGRAFIA E GÊNERO**

O passado pode nos dar possíveis respostas para que possamos compreender melhor o hoje, dessa forma, quando fazemos uso dos dados biográficos de um sujeito, não estamos apenas revendo os momentos marcantes da trajetória de uma pessoa, mas também de uma região e de seus costumes, de uma época e de seus conflitos sociais. É esse conjunto de dados que nos permite rever o passado para que o presente seja entendido e o futuro cogitado, uma vez que são as ações humanas que constroem o “depois”. Por isso, é crescente o trabalho com

pesquisas biográficas no cenário acadêmico, as quais possibilitam investigar inúmeros fenômenos sociais, assim como os papéis de gêneros e os códigos comportamentais de um período que ainda estão refletidos em nosso tempo, mesmo que seja de forma “camuflada”:

[...] O historiador se encontra diante da impossibilidade de recuperar a fala dos desaparecidos; contudo, por intermédio de traços minúsculos, de fragmentos escritos, ele pode ter acesso a elementos de oralidade. Esses elementos permitem repor o historiador numa justa distância entre o risco de ignorar a palavra dos anônimos. (DOSSE, 2009, p. 301).

Embora nossa pesquisa não se proponha a construir a biografia de Eunice Braz de Macedo, partiremos de dados biográficos para delinear a trajetória de vida dessa mulher bastante singular, porque propôs outros jeitos de ser mulher, a partir daí, como dito na introdução, ensejamos não só compreender melhor como a noção de *mulher* era entendida pela sociedade de São José dos Cordeiros na Paraíba, apontando também como Eunice Braz destoava, portanto, dessa noção, mas também, tentar enxergar as possíveis imagens sobre nossa personagem produzidas nos discursos de cada um dos sujeitos entrevistados. Esses, tiveram contato próximo com Eunice Braz em diferentes momentos da vida dela.

Ao escrevermos sobre o que pode ser tecido através das indagações sobre uma pessoa, os diálogos estabelecidos tornam-se “inscrições”, que dão forma no tempo e no espaço ao cenário social e, respectivamente, aos sujeitos que o incorporam: o esboço de uma trajetória revela muitos traços e detalhes. Como afirma (KOFES, 2001, p. 22), por meio de “sombras, longos silêncios, intervalos obscuros, privacidade indevassada, que terminam por falar do que o tempo faz com a memória de uma vida, vislumbrando apenas o que seria a verdadeira experiência desta vida no tempo”.

Tendo como propósito, contribuir para os estudos das relações de gênero ao identificar a partir da trajetória da nossa personagem os papéis prescritos para as mulheres de elite na sociedade de seu tempo. À vista disso, compreender como Eunice Braz atuava no interior do cariri paraibano, sendo este, um território predominantemente patriarcalista, e de pouquíssima abertura para a atuação feminina na vida cultural, intelectual e política da época. Portanto, apontar como nossa personagem atuou nas interações entre espaços privado e público, “através de que silêncios e ocultamentos exercia sua vontade, sua energia administradora dos negócios e de mulher atuante na política local”, contrapondo em muitas situações os “[...] papéis normativos prescritos pela Igreja, pela cultura, pelas tradições da elite em oposição as sua vida cotidiana, em meio às vicissitudes econômicas e climáticas”. (RIBEIRO, 2012, p. 15).

Nossa pesquisa, ao passo que faz uso do método biográfico apóia-se nos estudos de gênero para que possamos dar maior visibilidade ao estudo da trajetória de vida de algumas mulheres. Torna-se importante compreendermos como esse grupo, secularmente, marginalizado foi dialogando com os valores do patriarcado e, muitas vezes, não se subjugando a tais valores. Nesse sentido, voltar-se para a história de vida de algumas mulheres é dar visibilidade a sujeitos que sempre estiveram à margem da história e hoje exigem, de certa forma, um lugar ao sol porque suas atuações, seja na esfera privada, seja na esfera pública, podem nos levar a revermos o modo como lemos e construímos a história de nossa sociedade. “Dar voz” à figura de Eunice Braz, pode ser importante para compreendermos como algumas mulheres se contrapuseram aos ditames do patriarcalismo:

[...] por mais antigos que possam parecer, o patriarcalismo e a dominação da mulher são formas históricas e não naturais [...] Isto é, foi o discurso social que construiu um consenso por meio do qual o que foi produzido pela cultura passou a ser atribuído à natureza, tentando-se, portanto, tornar invisíveis as desigualdades entre os sexos através de sua naturalização. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 153)

Albornoz (2008) diz que é pela persuasão ideológica que a sociedade constrói os conceitos subjetivos de cada indivíduo, fazendo das instituições sociais como a escola, a igreja, a mídia, meios de conduzir a consciência de um povo, construindo assim a educação, “[...] aquela parte da socialização do indivíduo, promovida na interação pessoal, que se realiza, consciente ou inconscientemente, segundo regras pedagógicas, com determinadas intenções e metas objetivas”. (ALBORNOZ, 2008, p. 61). O quão difícil é o lugar que ocupa a mulher em uma sociedade patriarcal que lhe exclui o direito de escolha, amordaça-a aos costumes repressores criados por uma cultura que não vê na mulher um ser igual, mas, sim, um ser inferior, que, portanto, deve permanecer dentro dos limites em que o “mais forte” impõe ao “mais fraco”.

Ao homem, o dever de trabalhar no espaço público e conseguir recursos para aprovisionar a casa e reduzir as necessidades financeiras da família. À mulher, restou a responsabilidade de gerir tudo o que entrava e saía do lar, dos mantimentos aos gastos que deveriam ser reportados ao provedor do lar, seja marido ou pai. Nesse modelo familiar patriarcal, o espaço designado à classe feminina, era único e exclusivamente o espaço privado, ou seja, os limites do espaço doméstico, dentro do qual as funções da mulher eram a organização da casa, zelar pelo bem-estar do marido e dos filhos. “[...] A divisão sexual dos papéis afectivos enraíza-se numa representação da feminidade cuja essência é de se dar, de existir para o outro, de dedicar sua vida à felicidade do homem”. (LIPOVETSKY, 1997, p. 20). As mulheres permanecem, durante muito tempo, excluídas da palavra pública, presas à

ideia de um destino invisível e silencioso, arraigada em nossas culturas. Sobrevivendo dos sussurros domésticos, a sua individualidade surgia apenas na intimidade do lar: “as mulheres não eram consideradas indivíduos, mas sim membros de uma família, a qual era representada pelo pai”, o símbolo do regime patriarcal perpetuado por gerações. É dentro da esfera privada, das relações familiares cotidianas que as mulheres começam a apresentar um poder de autonomia, quebrando o silêncio por meio de correspondências, orientações na intimidade para filhos ou marido, em um alvorecer das transformações da postura feminina que transcende de um ambiente recôndito para o espaço público.

Segundo Rocha-Coutinho (1994, p. 80), em várias circunstâncias, a autoridade masculina foi reduzida ou minimizada pelo fato de as mulheres terem encontrado meios informais – através de mexericos, controle de informação e recusa a fornecer serviços de alimentação e sexo entre outros – de influenciar e exercer controle sobre os homens. Contestar os padrões tradicionais estruturados a partir da hierarquia de gênero foi um ato de rebeldia a que se prestaram muitas mulheres que, pouco a pouco, foram minando as imposições patriarcais, ainda que o masculino permanecesse como a referência e o feminino fosse visto como o segundo sexo. Perrot (2007), também aponta, de forma congruente, esta perspectiva de mudança do comportamento feminino.

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história de gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade. Alargou suas perspectivas espaciais, religiosas e culturais. (PERROT, 2007, p. 15).

Depois de séculos em que a classe feminina ficou subjugada às imposições masculinas, as transições sociais como a expansão territorial, as migrações, o desenvolvimento comercial, geraram novos costumes. O século XX traz consigo mudanças profundas ao modelo familiar até então vigente. A Revolução Industrial e as Guerras, disputas políticas e territoriais ao redor do mundo, forçaram milhões de homens a se ausentarem de seus lares por tempo indeterminado, muitos destes, jamais voltaram. Nos longos períodos de conflitos, foram as mulheres, em uma espécie de tríade, enquanto, mãe/esposa/filha, que tomaram para si a representação da figura masculina. Elas foram responsáveis não mais apenas pela organização do lar, mas, também, por conseguir sustentar o lar financeiramente na ausência do provedor, até então, representado pela figura masculina. É nesse cenário, que a

classe feminina adentra efetivamente no espaço público, como trabalhadoras, nas fábricas, na indústria e no comércio:

[...] As mulheres saem de casa para trabalhar, para ajudar no sustento da casa e para colaborar no esforço comum da sociedade. Entretanto, o homem não reconhece neste fato nada mais do que um fenômeno econômico. A mulher vai trabalhar para ter mais, mas não para ser mais através do seu trabalho. O ideal, a imagem, o tipo, continua sendo o da mulher mãe e fêmea dona de casa, nas lides domésticas. A mentalidade social não quer admitir a mulher como igual ao homem. (ALBORNOZ, 2008, p. 24).

Pensemos no ser definido desde seu nascimento como feminino, em que a própria definição de sexo já altera sua participação no meio em que está inserida. A menina desde a infância é direcionada pelos pais, em especial pela mãe, a ser mulher, o que implica, dentro da lógica patriarcal, ser prudente, amorosa, afável, ter zelo pelo lar e por todos que dele fazem parte. Desde as mais simples brincadeiras, essas noções são impostas às crianças. As meninas, portanto, têm espaços pré-estabelecidos, as quais veem na mãe ou na avó alguém a ser imitado, perfeito para prosseguir os velhos hábitos femininos que as diferenciam dos hábitos masculinos. Entretanto, caso esses papéis venham a se inverter, por mais superficial que sejam as regras estabelecidas por costumes quase nunca questionados, evocam o distanciamento entre o que eu quero e o que eu posso fazer. É quase um sistema mecânico que estabelece que o fato de ser mulher implica já determinadas atitudes e reações para com o outro. O fator biológico da reprodução pesa na concepção de que o órgão feminino ao gerar a vida tem a função natural e irrevogável de dar continuidade à existência da raça humana.

A primeira metade do século XX apresenta uma versão feminina que já não se contenta com os afazeres domésticos para dar sentido a sua existência. As mulheres lutam contra os ditames do mundo patriarcal, ainda enraizados culturalmente e, já não mais aceitam como valores femininos a subordinação e a invisibilidade social. Uma vez integrantes do cenário público como a nova mão-de-obra das indústrias, elas começam a reivindicar direitos trabalhistas, condições de trabalhos mais adequadas e melhor remuneração pelos seus serviços. É instaurada a famosa “jornada tripla”, onde a funcionária, não deixa de ser mãe, nem tampouco esposa. Ela agrega funções e faz malabarismos com o tempo, para não ser acusada de “desleixo” pela própria família. Surge, então, uma nova concepção familiar, na qual a mulher passa a ser notada fora do ambiente privado e inicia suas lutas pelo espaço público.

Nos anos decorrentes após a I e II Guerra Mundial, as lutas feministas se intensificaram. Surge “[...] um feminismo ligado às mulheres que, pela educação, por uma

carreira profissional, já teriam rompido com o que seria a expectativa tradicional em relação à mulher”. (KOFES, 2001, p. 92). Um expressivo ingresso das mulheres na vida acadêmica, possibilitou um aumento de leitoras e escritoras, tanto em escritórios como em revistas e jornais nos grandes centros urbanos. Na maioria dos casos, as profissões reservadas às mulheres eram ligadas à educação, enquanto professoras primárias, e posteriormente, à saúde como enfermeiras.

A denominação do “sexo frágil” aludida à classe feminina já não é vista da mesma forma. Elas já transitam diariamente pelo espaço público e privado, em uma sociedade capitalista, ainda planejada e dominada por homens. Dentro e fora do ambiente profissional, os grupos feministas ganham mais integrantes, que procuram reivindicar seus direitos dentro dos órgãos públicos, como também maior autonomia nas decisões familiares. Sobre as *organizações feministas*, podemos dizer que “[...] a maneira como elas (mulheres) impuseram, através do aborto e da busca da contracepção, seu direito ao controle dos nascimentos, oferece um exemplo particularmente eloquente da eficácia dessa auto-organização difusa e do efeito de um comportamento privado, ou até íntimo, no domínio público”. (PERROT, 1998, p. 149-150).

Mas são as conquistas históricas a longo e médio prazo, que deixam por terra a noção de fraqueza. É notória a ascensão feminina na transição do último século, por meio de organizações feministas. Estas atuaram na sociedade ao redor do mundo, reivindicando o direito sobre seu corpo (reprodução, aborto, assédio sexual), a consumação da igualdade civil e educativa. E nesse cenário, obtiveram algumas vitórias, também esmoreceram, porém sempre mantendo um elo entre os anseios femininos e as mudanças sociais.

A atuação dessas mulheres deu outros contornos para a forma como elas passaram a ser vistas, tanto na esfera “pública”, nas instituições sociais das quais começavam a fazer parte como assalariadas e, também na esfera “privada”, onde a estrutura do modelo familiar ganhava mais poder de escolha, abrindo espaço para subjetividade da mulher. O transitar das mulheres entre esses espaços privado/público nos ajuda a compreender a representação do feminino para além do lar, das concepções tradicionais do cotidiano doméstico. Entretanto, em momento algum, o acesso ao espaço público foi facilitado para o sexo feminino. A classe masculina, mesmo tendo que dividir algumas funções comerciais com as mulheres, as via como intrusas e imprudentes, que não conseguiriam desempenhar com a mesma competência as funções exercidas pelos homens. Aqui, mais uma vez, era estabelecida uma hierarquia dos sexos ao dotar o masculino de um valor superior ao do feminino.

Em uma retrospectiva histórica, Lipovetsky (1997) discorre sobre as diferentes visões da representação feminina ao longo dos séculos em que:

[...] A primeira mulher era satanizada e desprezada, a segunda adulada, idealizada, instalada num trono. Porém, em todos os casos, a mulher estava subordinada ao homem, era pensada por ele, definida em relação a ele. Ela não era mais do que aquilo que o homem pretendia que ela fosse. (LIPOVETSKY, 1997, p. 232).

Apenas no mundo contemporâneo e de forma progressiva é que a partir do século XX a mulher começa a enxergar-se individualmente e expressar de forma direta sua subjetividade, saindo dos estreitos corredores da reclusão e submissão do círculo familiar. A partir do cenário doméstico e para além dele, enquanto locais de produção de sujeito, a mulher explorou parcelas significativas de poderes, reformulando o núcleo familiar, mesmo que de forma implícita.

Ao passo que a mulher toma posse da linguagem, a ampliação dos espaços femininos torna-se viável, oportunizando um equilíbrio entre os espaços público e privado. Surgem novos padrões comportamentais na modernidade contemporânea, que conquistam milhares de admiradores, em sua grande maioria, o público feminino.

[...] A cultura do consumo e do bem-estar, a socialização psicológica e relacional, a emancipação sexual das mulheres, o progresso das habilitações acadêmicas e profissionais das mulheres, todos estes factores impulsionaram um direito novo à vida privada, uma exigência acrescida de respeito pela autonomia feminina, uma crescente intolerância para com as formas de intromissão de outrem. (LIPOVETSKY, 1997, p. 78).

O discurso do século XX esboça de forma progressiva, uma perspectiva da mulher moderna, instigando o despertar da individualidade feminina, que passa a se expressar por meio da imprensa feminina (jornais e revistas), a publicidade, o cinema e a fotografia de moda, sendo estas redes de influências que permeiam tanto o ambiente privado, quanto público. Nesse século, a circulação em grande escala da “palavra”, modela a esfera pública, tecendo opiniões e novos costumes, padrões comportamentais de acordo com as novas necessidades familiares na contemporaneidade. “O relacionamento e o mútuo estímulo dentro do mundo feminino mais culto pareciam ser típicos de um quadro mais universal do qual emergiam, simultaneamente, grupos de mulheres com interesses afins”. (BERNARDES, 1988, p. 120). Isso mostra que na contemporaneidade a mulher ver-se com um maior número de possibilidades de ser e existir em qualquer espaço e nas mais diferentes interações sociais.

Na dicotomia do “poder” entre os sexos, historicamente, o “fazer masculino” sempre recebeu destaque e prestígio no meio social, opondo-se a realidade vivenciada pela maior

parte do sexo oposto: “[...] a diferença na fala de homens e mulheres não se deve tanto a uma diferença de sexo, mas sim a uma diferença nos papéis sociais que vêm sendo desempenhados por homens e mulheres ao longo dos séculos”. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p.14). Por isso, o estudo de personalidades femininas se faz ainda necessário na atualidade, quando tais estudos se dão em interface com os estudos de gêneros, ampliam-se as possibilidades de compreendermos os papéis desempenhados por homens e mulheres na nossa cultura capitalista moderna.

Para tanto, se fez necessário percorrer um caminho cuja abordagem biográfica nos deu subsídios para analisar os discursos que a atuação de uma mulher deixou gravada nas memórias orais de uma região, abrindo, assim, veredas para a pesquisa que se volta para investigação do perfil feminino. Através dos relatos, podemos levantar hipóteses de que nossa personagem fez parte das transformações contemporâneas que alteraram profundamente o pensar e agir feminino, como também conseguiu transitar entre os espaços, público e privado, em uma época que a atuação feminina seguia os moldes do patriarcalismo. Em relação aos discursos coletados mesmo obtendo um relato completo, jamais poderemos construir a narrativa de vida de uma pessoa, sem lacunas, dúvidas, entretanto, as memórias orais, apontam para o movimento de uma vida, cujos fatos se fazem relevantes para compreender, em nosso estudo, as imagens que dela permanecem no discurso de uma população.

## **2.1 Eunice Braz: a mulher em seu tempo (dados biográficos)**

Ao estudarmos a representação de gênero delimitando nosso olhar para uma época, região e seus costumes, atentamos para a relevância das relações sociais, das identidades em confronto, das leituras plurais do passado, levando em conta momentos marcantes da trajetória de vida de nossa personagem. Torna-se indispensável, termos conhecimento de fatos que compõem a biografia de Eunice Braz, assim possibilitando-nos uma visão mais próxima da realidade sobre os movimentos culturais e educacionais, bem como a persistência do sexo feminino em participar efetivamente da vida social, além do cenário privado.

Nascida em 1932, na fazenda *Quaresma*, zona rural do município de Sumé – PB. Propriedade esta, pertencente aos seus pais, Francisco Braz de Macedo e Maria Pereira Braz, onde viveu a infância e início da adolescência. De uma família numerosa e de liderança patriarcal, durante a adolescência, estudou no Colégio das Damas em Campina Grande, juntamente com mais quatro irmãs. Após concluir os estudos ginasiais, fez um ano de



O matrimônio durou pouco mais de uma década. Após o falecimento de “Seu Bone”, em 01 de agosto de 1969, a jovem viúva apropriou-se do controle absoluto não só da fazenda em que residiam, mas também das demais propriedades<sup>3</sup>, o que a fez estar diretamente ligada aos negócios e ao gerenciamento das propriedades e funcionários que em suas terras trabalhavam. Eunice Braz faleceu aos 74 anos na capital pernambucana em 2006 por conta de uma doença terminal.

A questão matrimonial que demarca uma fase decisiva na trajetória da personagem em análise, nos chama a atenção, uma vez que o casamento no século passado ainda estava profundamente relacionado às questões econômicas, para que a riqueza da família não caísse em mãos erradas, ou seja, “forasteiros”, pretendentes, cuja figura paterna via como risco para a preservação da herança familiar. Logo, o casamento de Eunice Braz com o próprio tio estava em conformidade com os códigos do patriarcado, caracterizado como um casamento estratégico, fruto de estratégias de poder das mais convencionais, como discorre Freyre (1998):

Em Pernambuco, em São Paulo, e no recôncavo da Bahia, o problema resolveu-se mais docemente, com os casamentos entre primos ou de tios com sobrinhas: a endogamia patriarcal. Casamentos que foram fazendo das várias famílias iniciadoras do povoamento quase uma só. (FREYRE, 1998, p. 126).

É notório que não só nas raízes da cultura brasileira colonial, como também em outras culturas ao redor do mundo, prevaleceu para com a classe feminina, um critério patriarcal e endogâmico de matrimônio: “Os pais nobres, no maior número dos casos, não queriam saber de casamento senão entre iguais étnica, social e economicamente. E os iguais eram quase sempre os primos, o tio e a sobrinha, os parentes próximos”. (FREYRE, 1998, p. 129)

Bernardes (1988) também discorre sobre a questão econômica que norteia os enlaces matrimoniais em tempos decorridos, tão recorrentes em meio às famílias da classe mais abastada:

A dominação pelos valores de uma sociedade que vê no casamento uma transação comercial, em que os interesses familiares sobrepõem qualquer opinião da mulher em relação ao seu pretendente, “Mesmo com a “licença de pensar” as jovens estão conscientes das regras constrangedoras da sociedade em que vivem e pelas quais o dinheiro (e não as regras naturais...) orienta a escolha do consorte. (BERNARDES, 1988, p. 77)

Não podemos negar que Eunice Braz faz parte do grupo de mulheres que ainda no século passado, tiveram suas vidas entrelaçadas a essa perspectiva patriarcal de um

---

<sup>3</sup>Fazendas Bonfim e Dois Riachos em São José dos Cordeiros, Fazendas Pombos, no município de Boa Vista e Santa Clara, no município de São João do Cariri.

matrimônio endógamo. Os motivos que a conduziram a esta situação, não é foco do nosso trabalho, porém, este episódio nos revela as raízes da família Braz como provindas de um solo de origem patriarcal, as quais, mais tarde sofreriam significativas transformações oriundas da postura *sui generis* de nossa personagem, como vemos mais a frente.

Outro elemento significativo na história de vida de Eunice Braz é a viuvez, condição social que faz nossa personagem aflorar outra imagem de si. Agora, já não de filha conduzida ao matrimônio arranjado, sem grandes perspectivas de longevidade ou procriação. Mas sim, de uma jovem senhora que precisava administrar os bens deixados pelo falecido esposo. A ausência da figura masculina, aponta para uma maior representação de força, coragem e determinação por parte de Eunice Braz perante seus familiares e de toda a sociedade. Jovem e culta, ela fez uso de seus conhecimentos e impôs uma postura firme para lidar com os impasses na vida campesina, nas intempéries – chuvas, seca excessiva, geada precoce ou tardia. Nesse ponto, Eunice Braz também está em diálogo com as imposições/representações/códigos do patriarcado, visto que, na condição de viúva, surgiram das influências do patriarcalismo agrário perpetuado no interior do nordeste mulheres que tomaram para si as funções masculinas quando a figura do homem, pai ou marido, já não existiam no ceio familiar. Ainda seguindo o discurso de Freyre (1998), podemos aludir essa representação feminina quando colocada como substituta da masculina:

Tais mulheres que, na administração de fazendas enormes, deram mostras de extraordinária capacidade de ação – andando a cavalo por toda parte, lidando com os vaqueiros, com os mestres de açúcar, com os cambiteiros, dando ordens aos negros, tudo com uma firmeza de voz, uma autoridade de gesto, uma segurança, um desassombro, uma resistência igual à dos homens – mostraram até que ponto era do regime social de compressão da mulher, e não já do sexo, o franzino, o mole, o frágil do corpo, a domesticidade, a delicadeza exagerada. Mostraram-se capazes de exercer o mando patriarcal quase com o mesmo vigor dos homens. (FREYRE, 1998, p. 95).

No contexto em que Eunice Braz vivia, a situação da mulher era de sujeitos analfabetos, sem autonomia e de completa submissão ao masculino. Sendo assim, tal qual outras mulheres que tiveram o acesso à educação, se contrapuseram à dominação imposta às mulheres por uma sociedade cujo modelo de referência em torno do qual tudo o mais gravitava era o masculino, Eunice Braz não foi uma exceção, mas ela confirmou algumas exceções. Sua postura era contrária ao arquétipo feminino reproduzido na conjuntura social paraibana, desconstruindo as orientações das instituições públicas sociais que formam a opinião pública a “[...] contribuir na redescoberta das mulheres como atrizes sociais – em revelando seus objetivos, os conflitos nos quais estão implicadas e a vontade de ser “sujeitos” de suas próprias existências”. (TOURAINÉ, 2007, p. 10).

Em meio às divisões simbólicas, entender as proibições que delimitavam os espaços pelos quais as mulheres transitavam em tempos pretéritos é também compreender a força de resistência imposta por algumas mulheres, que mesmo de modo inconsciente fizeram parte de ações feministas, de resistência aos ditames da sociedade regida por interesses masculinos.

A postura de Eunice Braz perante a sociedade provocou um desencaixe em relação aos valores de feminilidade então vigentes. Suas experiências sociais como sujeito foram além dos limites tradicionalmente impostos à classe feminina. Ela pôde expressar-se dentro do espaço público e do privado, reafirmando sua autonomia enquanto cidadã, não só como mulher, mas como sujeito protagonista de sua própria história, e não apenas mais uma mulher à margem dos acontecimentos na sociedade de que fazia parte.

Nossa personagem pode ser inserida no quadro das mulheres que se assemelham à política do matriarcado. Ainda que, o sistema patriarcal e a divisão de incumbências no casamento regulassem a postura feminina de forma predominante nas famílias do século passado, gradativamente surgiram novas imagens da mulher, mesmo que a princípio de forma cerceada.

Matriarcas houve, no Brasil patriarcal, apenas como equivalentes de patriarcas, isto é, considerando-se matriarcas aquelas matronas que, por ausência ou fraqueza do pai ou do marido, e dando expansão a predisposições ou características masculinoides de personalidade, foram às vezes os homens de suas casas. (FREYRE, 1998, p. XCIV).

Conforme Kofes (2001), a inserção das mulheres na participação política foi defendida pela bandeira sufragista, ao questionar a alocação feminina no campo doméstico e familiar de meandros sempre implícitos e silenciados, enquanto para os homens a quase que “exclusividade masculina nas instituições públicas”. Desse modo,

a concepção moderna de cidadania e os ideais de igualdade e de indivíduo, implícitos no ideal sufragista, tornava-o ameaçador para aqueles agentes e para aquelas instituições interessados em manter uma complementaridade hierárquica e essencializada entre os gêneros. Inclusive, porque estes valores, que marcam o sufragismo, já permitem desestabilizar os fundamentos naturalizados para as alocações sociais e políticas do feminino e do masculino. (KOFES, 2001, p. 89-90).

Em conversas informais com moradores do município cordeirense, todos descreveram Eunice Braz como pessoa de palavras firmes e pensamentos convictos que não se amedrontava diante de quem quer que fosse sendo algum de seus subordinados ou uma autoridade. Podemos correlacionar tais discursos a uma espécie de mulher moderna porque agia de forma a não corroborar com os estereótipos existentes até então acerca do que era ser e comportar-se como mulher. Outro aspecto pertinente que reforça a postura singular da nossa

personagem é sua caracterização, como o fato dela usar cabelos curtos, vestimentas masculinizadas (calças e botas) em um estilo rústico.

Visualmente, a mulher está tanto mais presente quanto existe a tendência de limitar seu papel e sua presença por outras vias... a extrema importância da indumentária, demarcação social e sexual, e a razão pela qual, quando as mulheres querem sair de sua condição feminina, algumas se vestem de homem. (PERROT, 1988, p. 219)

Demonstrando-se sempre independente fosse no agir, quando desafiava o ego masculino, ao percorrer suas propriedades dirigindo um jipe ou trator, fosse ao delegar homens e mulheres, que estavam acostumados apenas com as ordens do sexo masculino. Aspectos estes, nos possibilitam conjecturar interpretações de como a imagem de Eunice Braz repercutia nas interações do espaço privado e público. Isto nos leva a compreender “[...] as estratégias femininas, a partir das tensões, das mediações, das relações propriamente sociais que integram mulheres, história e processo social, tais como podem ser resgatados nas entrelinhas [...]”. (RIBEIRO, 2012, p. 21), dos relatos proferidos sobre a aparência da personalidade em análise.

No imaginário masculino e patriarcal, as flores são as metáforas para o sexo feminino, metáforas essas que visam reiterar os estereótipos de fragilidade, delicadeza, pureza, docilidade tidos como atributos do feminino. Entretanto, Eunice Braz opõe-se a esse tipo de representação, colocando-se não como uma flor, mas um cacto, planta que não tem nada de frágil ou delicada, mas, pelo contrário, destaca-se por sua resistência e pela beleza de sua cor quando suas flores florescem.

### ***2.1.1 Eunice Braz: a mulher-artista e o exercício da docência***

Para conseguirmos compreender a influência de um sujeito, precisamos partir da ideia de atuação dele em um meio social, assim, podemos formular hipóteses de como Eunice Braz se fez marcante na história, e conseqüentemente, nas lembranças, nos discursos de outros.

Os relatos coletados nas entrevistas com o biólogo, a historiadora, a irmã e o padre como também os depoimentos reproduzidos nas memórias orais de alguns moradores cordeirenses, alegam que, apesar da grande responsabilidade em gerenciar todos os bens sozinha, Eunice Braz continuou a produzir pinturas e esculturas em casa, viajava regularmente à cidade de Campina Grande – PB para dar aulas particulares de artes plásticas, como também trabalhou um longo período no Museu de Arte Assis Chateaubriand (MAC).

Observemos a fala do biólogo a despeito da formação acadêmica e postura profissional da nossa personagem:

Sim; quando eu a conheci ela me falou da sua formação, a formação dela era de Artes. Ela se formou em Pernambuco-PE e após a conclusão do seu curso ela fez várias obras, inclusive tem muitas em Campina Grande-PB. Tem algumas em Sumé, na casa da irmã dela, que realmente são obras primas, de uma pessoa que detinha muito talento, não só na pintura como também em escultura. Inclusive, eu recebi uma certa vez uma publicação de um evento onde ela tinha vencido um concurso com a escultura chamada *Bicho de sete cabeças*. Ela presenteou essa escultura a uma professora de João Pessoa. Fora essa questão de pintar os quadros, coisa e tal... ela também fazia muitas pinturas em parede. Inclusive na cozinha da casa da Fazenda tem a pintura da *Santa Ceia* feita por ela na década de 60. Inclusive também ela dava aula em Campina Grande-PB para algumas pessoas que conheciam do talento dela e da didática. E ela tinha na casa, algo que ela não precisava fazer, ela dava aula por prazer. E era os alunos que ela escolhia, não ensinava a qualquer um... quem ela gostava e ela sentia que tinha vontade de aprender ela ensinava.

Eunice Braz tinha autonomia, formação, mas, sobretudo, poder de decisão. Além disso, ela logrou êxito em um mundo e em funções ditas como masculinas. Nas palavras do entrevistado, vemos que a atuação profissional dela era forte e de grande expressão, mostrando a pluralidade de percepção artística que ela empregava nas peças que produzia. No relato, percebemos como a arte estava presente em seu cotidiano, indo além de uma formação profissional, mas também um modo de vida, que possibilitou expressar seus pensamentos, desejos, perturbações, em obras de relevante expressão artística e reconhecidas regionalmente por muitos que a conheceram tanto no lado profissional, quanto pessoal.

É difícil dizer ao certo que influencias enquanto artista Eunice Braz expressava em sua arte, entretanto, é sabido que ela possuía uma vasta bagagem cultural. Além da formação acadêmica e seu constante contato com os movimentos artísticos devido ao seu trabalho como museóloga e enquanto professora de artes plásticas, ela também pôde absorver noções culturais de outros povos, ao realizar viagens ao exterior, como para França e Japão. Nas palavras da historiadora, vemos no excerto a seguir o amor pela arte que Eunice emanava:

[...] lá na casa onde é destinado aos universitários lá na Fazenda dela tem algumas obras dela. E na época ela tinha muitas obras. Acredito que a família deve ter dividido entre eles, mas ela tem muito trabalho bonito. Lá na Fazenda tem os quadros contando a história de lá... se você analisar bem. Tem muito quadro dela, ela pintava muito. Quando ela adoeceu, ela estava com um projeto de escrever a história da fazenda, não a história real, mas a história de uma forma encantada com seres, inclusive aquele pátio que tem lá que ela calçou... ali ela chamava o pátio de “Cumade flozinha”. Era assim que ela pretendia contar a história, como uma fábula.

O elemento regional, seus mitos e lendas serviram como fonte de inspiração para Eunice Braz e foi o tema de muitas das telas pintadas por ela algumas das quais estão como

murais na própria Fazenda Almas e uma integra o acervo do Museu da FURNE em Campina Grande.

Quadro *Cumade Flozinha*, Fazenda Almas, 2016, São José dos Cordeiros – PB



(Fonte: arquivo pessoal)

Na fala acima, manifesta-se a relação de Eunice Braz com a natureza de que fazia parte, do cenário cotidiano constantemente representado em pinturas e esculturas feitas por ela, em que procurava enaltecer a paisagem regional, através de elementos naturais que compõem a vida no campo relacionando-os a um valor simbólico, em significações afetivas. Tal relação pode nos servir como indício das preocupações e da consciência ecológica no fazer e agir de Eunice Braz, ao engajar-se pioneiramente em um projeto ambicioso de preservação ambiental. As suas ações e discursos sempre remetiam à relação do homem com o meio ambiente, levantando a bandeira da conscientização e preservação da biodiversidade da região.

Dentre os depoimentos coletados, buscamos o discurso de um parente mais próximo, na pessoa de uma de suas irmãs que nos relatou o quão talentosa Eunice Braz era em seus trabalhos artísticos, mostrando-nos alguns quadros. Representações da natureza e do cenário da vida camponesa, que a irmã lhe dera de presente, entre eles, dois quadros de representatividade religiosa, os quais apresentam a face de Cristo e outro da Virgem Maria. O que nos mostra a ligação da nossa personagem com o mundo religioso, o qual nos permite uma ampliação das interpretações sobre as imagens construídas sobre ela.

Levando em consideração que a religiosidade e seu poder simbólico eram de grande relevância social para as mulheres de “boa conduta”, em um retrospecto da relação da mulher com a igreja, encontraremos que, na cultura patriarcal, o cristianismo com predominante influencia nas primeiras manifestações educacionais oriundas do processo de colonização, uma vez que “o maior número de escolas e poder sobre a educação pertenciam a Igreja

Católica”, mais tarde veio a se tornar um dos poucos espaços públicos permitidos as mulheres, sempre em postura discreta e de servidão.

Na igreja, as mulheres sentavam do lado esquerdo, não podendo ter nenhuma atuação no que se referisse a ler, a distribuir comunhão, e auxiliar o padre nos rituais. Sua função era de zeladora, cantora, catequista, cuidando ainda dos objetos de cultos e paramentos. (NETO, 2005, p. 49).

A conjuntura religiosa introduzida nas expressões artísticas feitas por Eunice Braz tem profunda relação com sua criação, visto que tanto sua família como sua formação educacional seguiram os preceitos do catolicismo. Entretanto, isso não a impediu de criar convicções próprias sobre a religiosidade, mais tarde a levando a um episódio de discordância entre ela e o pároco do município, como veremos mais a frente.

Em meio ao discurso, segundo uma das irmãs, falou-se um pouco da vida acadêmica e profissional de Eunice Braz, lembrando as dificuldades ao saírem de casa para estudar no renomado colégio de freiras, o Colégio<sup>4</sup> Imaculada Conceição – CIC, edificado em 1931 no município de Campina Grande (PB), recebendo este nome em homenagem à Padroeira da Cidade. Declarou-me que desde a mocidade, sua irmã tinha aspirações para a expressão artística, através da pintura, e a ambição de dar continuidade aos estudos, em busca da formação superior, a qual ainda não era disponibilizada na região. Por esse motivo, após o término dos estudos ginasiais, das cinco irmãs, Eunice Braz fora em busca de novos conhecimentos, ao ingressar no curso de Filosofia na Universidade Federal da Paraíba, estudos estes que não se estenderam por mais de um ano.

Nessa época, dois dos irmãos homens estudavam na Escola Militar de Recife. Por conta da grande despesa, e da maneira sôfrega de locomoção, e as péssimas condições das estradas de rodagem, como também transportes escassos, o patriarca achou viável alugar um imóvel em Recife para que todos os filhos morassem na mesma cidade e tivessem mais possibilidades de expandir os estudos. Ao saber dos planos do pai, Eunice Braz abandonou o curso de filosofia e partiu para a capital pernambucana, dando início aos estudos em *Artes Plásticas* que veio a concluir posteriormente. A educação proporcionou-lhe a inserção no espaço público, a abertura para a luta e conquista de direitos que poderiam dar-lhe mais liberdade e autonomia.

---

4 Instituição de ensino da ARIC – Associação das Religiosas da Instrução Cristã, a qual foi fundada em 1823, na Bélgica, por Madre AgatheVerhelle. Após várias fundações na Europa, o Instituto expandiu-se pela América do Sul e África, chegou ao Brasil em 1896, na cidade de Olinda, no Estado de Pernambuco, instalando-se, depois, no Recife e em outras cidades de diversos Estados.

Os ramos científicos e técnicos permanecem ainda hoje muito mais masculinos, indício das fronteiras insidiosas que diferenciam os sexos no exercício dos saberes. Pois para cada etapa havia um obstáculo: para o latim, florão das humanidades, do qual as moças eram julgadas indignas; para o direito, a arma viril por excelência; para as matemáticas, consideradas muito abstratas para os cérebros femininos; para as Belas-Artes, onde o estudo do nu era julgado inconveniente para as jovens etc. (PERROT, 1998, p. 105).

Após a conclusão dos seus estudos, Eunice Braz retornou a residir no interior da Paraíba, já na representação de noiva do Sr. Boaventura de Souza Braz, o qual era seu tio paterno. Neste período, ela se dedicou mais à vida matrimonial e aos afazeres domésticos sem, no entanto, cessar suas produções artísticas, como pinturas e esculturas. Durante sua estadia na Fazenda Almas, Eunice Braz nunca deixou seu lado intelectual adormecer. Relatos afirmam que ela sempre gostou de ler em seus momentos de descanso. Apaziguava os olhos e o espírito com leituras rotineiras ou pintando telas ou até mesmo alguns cômodos da casa. Apesar de residir bem afastada do burburinho das grandes cidades e de ter um estilo de vida intimamente ligado à simplicidade e calma da natureza, seu gênio não pertencia ao comodismo. Manteve até os últimos anos de vida o amor pela natureza, expressado em quadros, paredes que serviam de telas, e esculturas.

Seu trabalho enquanto artista plástica faz de suas obras uma forma de rastrear múltiplas fontes em diversos lugares, com o anseio de reconstruir os caminhos percorridos, da construção da história do trabalho, dos costumes, do corpo, de perfis de mulheres, enfim, da vida cotidiana. Esta mulher, de forma particular, infringiu as normas sociais de São José dos Cordeiros, e, mesmo em uma região dominada pelo masculino, impôs seu pensar e agir não aceitando as normas impostas ao seu sexo.

### ***2.1.2 Eunice Braz: da mulher empreendedora e de seu amor a natureza***

A partir do cenário doméstico e para além dele, enquanto locais de produção de sujeito, a mulher explorou parcelas significativas de poderes, reformulando o núcleo familiar, mesmo que de forma implícita. Uma das expressões de poder representadas por Eunice Braz foi sua postura arrojada, em que fez emergir a mulher de pulso firme, autoritária e administradora dos negócios familiares que atuou como mulher de elite, fazendeira, mulher de negócios e filantropa. Partindo da perspectiva inovadora da personagem em relação a consciência ecológica presentes em seu pensar e agir, tomamos, pois, a natureza como uma categoria de relevante importância na trajetória de sua vida, a fim de refletir sobre como este

aspecto encontra-se representado nas narrativas sobre sua história. Vejamos o que diz o biólogo sobre ela ao ser indagado a respeito da postura feminina diferenciada dentro da sociedade cordeirense:

Só pelo fato dela ter dado continuidade à preservação da Fazenda sozinha após ela ter ficado viúva e principalmente numa região onde se impera a cultura do machismo e ela sozinha... Para mim ela já é um diferencial muito grande. Ela tinha uns pensamentos e ideias muito futuristas. Ela era uma pessoa visionária! Apesar dela ter uma cultura já bem apurada, por ter visitado vários países: França, Japão (entre outros). Ela até tinha um certo conhecimento e até mesmo uns certos conceitos muito a frente das mulheres normais e das outras pessoas.

Implica-se repensar os processos históricos a partir de conjunturas mais gerais de como era estabelecida a dinâmica econômica e política da região sob a ótica de amplas participações de outros sujeitos na trama social, assim, podemos ter uma definição aproximada do cenário onde se desenrolou o enredo da trajetória da personalidade em análise.

Eunice Braz fazia parte da elite rural da região, cujas terras deixadas como herança por seu falecido esposo, eram um expoente da produção de algodão, rapadura e pecuária. Na propriedade existe, ainda hoje, um grande galpão, o “fabrico de algodão”, onde eram interceptadas as sacas de algodão dos pequenos produtores da região para o descaroçamento e revenda do produto. Todo o processo era realizado por equipamentos, os chamados locomóveis, máquinas de descaroçar algodão em estado bruto, vindas da Europa de navio no século XIX para o porto de Recife e trazidas em carroças por longos dias até o interior do cariri paraibano. A fazenda foi considerada uma grande produtora na cotonicultura da região, sendo a base econômica da época. Está localizada no interior do cariri paraibano e atualmente é denominada como Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN Fazenda Almas, num total de 3.505,00 hectares, abrangendo os municípios de São José dos Cordeiros, Livramento e Sumé.

Ao indagar os entrevistados sobre o possível legado deixado por Eunice Braz, de forma congruente, todos mencionaram o projeto por ela idealizado, em tornar a fazenda em uma reserva florestal. Conforme divulgado pela Associação Plantas do Nordeste – APNE em 2015:

Idealizada pela Senhora Eunice Braz, que na década de oitenta, quando ainda não se enfocava com tanta veemência a necessidade de conservar e proteger o meio ambiente, decidiu contribuir e vencendo tantas barreiras e dificuldades impostas pela burocracia, lutou tenazmente e criou a mais antiga reserva particular do Estado, constituindo-se na maior reserva particular da Paraíba e na quarta maior do Nordeste. Responsável por abrigar espécies raras e ameaçadas de extinção, preserva as matas e oferece um contributo fundamental a toda a sociedade, colaborando com a preservação e conservação da biodiversidade. (APNE, 2015, p.3).

Nas palavras da historiadora podemos ver que as ações de Eunice Braz estavam interligadas. O projeto artístico estava atrelado ao projeto político de preservação da natureza e das raízes culturais locais. Ela manteve um vínculo entre sua ideologia de conservação do bem público com a riqueza histórica presente dentro e no entorno do município.

O papel que ela desempenhou aqui foi de conscientizar as pessoas e mostrar que a gente tinha que preservar nossa cultura, isso ela tentou fazer, apesar de que foi um trabalho duro, ela enfrentou muitos obstáculos, mas ela plantou a sementinha daquela história de que “o que é nosso tem de ser preservado”, falando culturalmente. Ela tentou muito fazer com que esses prédios daqui não fossem demolidos, que fossem conservados, né!? Ela era formada em *Belas Artes* e entendia o valor que tinha para as futuras gerações... do patrimônio.

Ainda que diversos obstáculos dificultassem a idealização de preservação que Eunice tinha sobre a riqueza natural como também o patrimônio arquitetônico da cidade, ela de forma corajosa e inovadora buscou conhecimentos legais que permitissem travar discussões acirradas, muitas vezes com as maiores representações de autoridade da região.

Um dos episódios marcantes foi à reforma da igreja do município que acarretou em uma dissensão entre Eunice Braz e algumas autoridades. Em meio às opiniões controversas dos moradores, representantes políticos e religiosos, ela, enquanto professora de artes, tendo consciência do valor arquitetônico da igreja como um bem cultural, foi contrária à reforma, alegando que a estrutura da igreja tinha um valor histórico e deveria ser preservado para que as futuras gerações tivessem contato com o passado e influências dos primeiros moradores da cidade. Isso, em uma época que a igreja era o símbolo maior de uma comunidade, no caso do interior paraibano, sempre um destaque no meio da rua central, visível ao longe para os que da cidade se aproximavam.

Ouvindo o relato do sacerdote daquele período, acerca de como se deu o conflito entre eles, seu discurso traz um tom de desaprovação à postura tomada por Eunice, taxando-a como “estranha”. Nos encontros que tiveram, sempre ficou clara a divergência de opiniões, em que o pároco defendia a ideia de que a reforma era necessária para melhor acomodar os fiéis, uma vez que a presença dos altares que existiam dentro da estrutura interna da igreja alojava muitos pássaros e morcegos, o que acarretava um acúmulo de sujeira.

Na época, o sacerdote foi ao encontro do Bispo para relatar os problemas que ele detectou, sugerindo a reforma, a qual deveria ser aprovada por seu superior. Porém, indignada com a ideia de a estrutura da igreja ser alterada, Eunice Braz juntamente com o padre, o prefeito, e, mais alguns moradores se reuniram para uma espécie de “fórum” em que apenas Eunice Braz era contrária à situação eminente. Inconformada com o pensamento das

autoridades e moradores, ela tentou recorrer aos superiores representantes da paróquia, viajando até Campina Grande – PB. Enquanto isso, na madrugada do dia seguinte, o padre deu a ordem aos pedreiros para demolição dos arcos que formavam os três altares. O pároco relatou de forma bem humorada as lembranças desse mal-estar entre eles. Disse também que, um ano após o ocorrido, chegou a se encontrar com Eunice Braz em uma fila de banco. Ao se cumprimentarem, acabaram relembrodo a desavença e trocaram algumas palavras desagradáveis, foi a última vez que se falaram. No excerto relatado pela historiadora que fez parte dos que presenciaram o episódio acima descrito, podemos ter uma ideia de como se deu essa desavença entre os envolvidos:

Então, quando ela disse: “é... a maioria é que vence, eu não tenho com impedir vocês de derrubarem a igreja, fiz minha parte... Agora eu vou dizer uma coisa a vocês... (aí eu estava sentada em um banco assim na frente) vocês não vão sentir falta não, vocês não vão entender o que vocês estão perdendo agora. Agora está menina que está aqui, ela ainda vai ter consciência do que se perdeu da história de um povo, de uma população e realmente foi isso que aconteceu. E realmente hoje, todo mundo sente falta, todo mundo sabe que ela é quem estava com a razão. Aquela menina se tornou uma historiadora e talvez tenha sido influenciado por isso mesmo, marcou muito, muito mesmo!

As afirmações apresentadas acima demonstram a ampla visão de Eunice Braz quanto à conservação do patrimônio histórico e ambiental, indo contra o “mandonismo local”. O que fomenta os relatos expostos neste trabalho, isto é, Eunice Braz, fazendo uso de todo seu intelecto e poder aquisitivo, manteve uma postura audaz, levando-se em consideração a região em que ela residia. Referindo-nos ao fato de ela ter contrariado a opinião pública, tanto dos homens como também das demais mulheres de seu período, seja por sua postura masculinizada ao gerir seus negócios; pela incessante busca de conhecimento; ou pelos ideais que propagou em um território árido de conhecimentos reverberados pela voz feminina, porém, rica de cultura e história, as quais ela tentou conservar, tanto no âmbito arquitetônico do município, quanto no seu inegável projeto de preservação ambiental, ao qual seu nome até hoje é rememorado como maior legado.

Em uma sociedade dominada pelos homens, vemos na atuação de Eunice Braz sua capacidade e vontade de agir, que provocou uma ruptura efetiva com a ordem cultural vigente, saindo da sombra da vida doméstica e atuando no cenário público seja como artista, administradora, cidadã consciente das possibilidades da atuação feminina, que lutou no decorrer de sua trajetória pelo direito de se fazer notar e ouvir. Fazendo uso das palavras de Alain Touraine “[...] a conquista da subjetividade das mulheres é um fato de peso, que ultrapassa as idades e níveis sociais e que certamente está associado a uma profunda

transformação de nossa cultura”. (TOURAINÉ, 2007, p. 32). Nossa personagem nos propiciou a percepção do dinamismo social de que fez parte uma mulher caririzeira, que transitou entre as relações domésticas, como também públicas, envolvendo o poder econômico, cultural e político “de modo a perceber como se processaram as ações, as redes de sociabilidade e autonomia desta personagem, nos diversos âmbitos da vida social”. (RIBEIRO, 2012, p. 85).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de compreendermos momentos relevantes da trajetória de vida de Eunice Braz de Macedo (1932 – 2006) e ordenar suas experiências enquanto mulher transgressora, deu-se ênfase particular as questões relativas a gênero, aos valores de masculinidade e feminilidade que norteavam o século passado, tendo como foco o cenário do cariri paraibano. Para tanto, usamos dos discursos produzidos nas entrevistas e de conversas realizadas com (ex) moradores, parentes e amigos da personagem estudada, na cidade de São José dos Cordeiros – PB, cuja análise dos relatos “tornou possível entrever instâncias significativas de poder que partem do ambiente doméstico familiar, mas não se restringem a ele”. (RIBEIRO, 2012, p. 32).

Os depoimentos trazem subsídios que permitem identificar nuances de como se processou a fuga dos papéis femininos prescritos dentro do espaço de experiência e horizonte de expectativa, delineados pela cultura patriarcal, e vivenciados na trajetória de vida de Eunice Braz. Foi possível compreender, mais que reconstruir, a partir das questões que nortearam nossa pesquisa, a trajetória de uma mulher original, tanto no pensar, quanto no agir. Uma mulher que transgrediu padrões de gênero/sexo em um contexto sócio-histórico predominantemente dominado pelo sexo oposto.

Ao término deste trabalho, esperamos ter conseguido responder os objetivos aqui elencados. Quando delimitamos nosso olhar para momentos específicos da trajetória de Eunice Braz, nos deparamos com desencontros de informações que foram alteradas ao longo dos anos pela narrativa popular. Indagamos sujeitos que fizeram parte do cotidiano dela, em diferentes momentos ao longo de sua vida. Mesmo alguns entrevistados tendo uma atitude de evadir-se de determinadas questões pessoais sobre a personalidade referenciada, conseguimos pontuar as imagens que de Eunice Braz são proferidas nas memórias orais de uma população.

As narrativas que ouvimos sobre Eunice Braz, podem do ponto de vista do enredo sobre sua história de vida, agrupar-se nas seguintes imagens: a *artista* que durante toda sua vida expressou-se através da pintura e da escultura sua forma de sentir e ver o mundo ao seu redor; a *feminista* ao relacionar sua postura singular e no dizer de muitos como “autoritária” em espaços que a voz e a atuação eram reservadas ao homem. A *filantropa* por de forma inovadora trazer para região uma consciência ambiental ainda desconhecida pela população. Imbuída do desejo de intervir na realidade social, deixou seu legado. Sua participação feminina se fez presente em diversos setores do tecido social em nuances ricas de autonomia. Em meio aos costumes, entraves políticos e econômicos, Eunice Braz inovou com sua independência crítica, deixando para os que a conheceram uma marca ímpar na representação feminina local, e, para toda a região, um legado de sabedoria, coragem e autenticidade que ecoa nos discursos dos cidadãos paraibanos. Ela transpôs as barreiras da conformidade e expôs os pensamentos de muitas mulheres que ainda se mantiveram submissas, nos silêncios da casa e nas veredas do cariri. Fez uso da palavra, da intelectualidade para transpor os limites enraizados pela concepção patriarcalista no interior da Paraíba.

Na pluralidade semântica contida nas entrelinhas dos relatos orais, levando em conta não só a espacialidade social, mas também a temporalidade dos episódios relatados. Constatamos traços da subjetividade de uma mulher transgressora frente às imposições de gêneros no cariri paraibano, que não só conseguiu transitar entre as esferas, pública e privada, mas atuou efetivamente enquanto, mulher, profissional, artista, intelectual e cidadã, nos revelando que apesar de oriunda de uma família de cunho patriarcal, em uma região dominada pela supremacia masculina, Eunice Braz, por meio de muitas batalhas, se fez uma exceção e ganhou notoriedade como mulher, tomando para si a consciência e a promoção da emancipação de seus ideais e ambições que foram além do âmbito pessoal, destacando-se na esfera pública como uma mulher atuante em meio aos ditames masculinos.

Eunice Braz sonhou, idealizou e lutou contra muitas imposições dentro e fora dos limites domésticos. Como vimos nesta pesquisa, os relatos, nos mostram que ela iniciou suas batalhas dentro das relações familiares, e posteriormente, através dos episódios como a formação acadêmica, o matrimônio, a viuvez, o exercício da docência, a relação íntima e constante com a vida no campo, proporcionaram-lhe transitar do privado para o público, de forma a inserir-se no rol de mulheres rebeldes que romperam com certos estereótipos acerca do feminino e se opuseram aos rígidos códigos comportamentais impostos por uma sociedade de base ainda patriarcal.

No campo dos estudos de gênero, a pesquisa aqui exposta agrega a compreensão da manifestação feminina e sua contribuição para transformações sociais que refletem-se na atualidade. Vemos, portanto, que Eunice Braz realizou uma série de atividades que foram vistas como táticas de inserção nos diversos meandros do cenário público. Isso não a isentou de conflitos e tensões em variados âmbitos da conjuntura social da época, porém, a fez uma autentica representação feminista na região, mesmo que de modo indireto. O foco sobre uma singularidade revelou várias relações: de valores morais no modelo familiar determinantes do século XX; a organização política e atuação feminina dentro do espaço público; padrões e comportamentos que fizeram a história local. As interações por ela tecidas ao longo de sua trajetória, nos ajudam a compreender as modulações toleradas e refutadas pelas mulheres que nos precederam e que nos ajudam a compreender como fomos e somos vistas na contemporaneidade.

THE FACES OF EUNICE:  
WOMAN AND REPRESENTATION IN PARAIRIUM CARIRI

**ABSTRACT**

This work is part of the research hall on the representations of Women in our society, specifically in the inland of the cariri area, in Paraíba, in the second half of the twentieth century. To do so, we chose as the objective of study the figure of Eunice Braz of Macedo, a woman who, born in the late 1800's, defies the behavioral codes of an extremely male and patriarchal society, as it was in the county of São José dos Cordeiros in Paraíba. The objective is to study, from a set of interviews with four people who lived with Eunice Braz, the images and the representative roles that the interviewed ones have about her, and to reflect the extent to which these images are constructions of the local imaginary and, therefore, are conditioned by what it's expected to be the social "place" of women, since Eunice Braz has broken up many of these places for the women of her day. In order to carry out the present study, we use gender studies as a theoretical contribution and, as a methodological tool, we are guided by Oral History. We hope that our study will contribute to the work regarding women's representations in our society, especially women who have played an active role in actuating public spaces when investigating the images or speeches that on Eunice Braz were constructed in the city of São José dos Cordeiros - PB.

**Keywords:** Woman. Genre. Eunice Braz

## REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana, 1939 – *As mulheres e a mudança nos costumes: ensaios da igualdade e da diferença* / Suzana Albornoz. – Porto Alegre: Movimento; Santa Cruz do Sul / RS: EDUNISC, 2008. (Coleção Dialética; v. 25).

APNE, Associação Plantas do Nordeste. Plano de Manejo da RPPN – Fazenda Almas. Recife – PE, 2015.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem?: Rio de Janeiro, século XIX* / Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes. – São Paulo: T. A. Queiroz, 1988. (Coleção coroa vermelha; v. 9).

DOSSE, François, 1950- *O desafio biográfico: Escrever uma vida*. François Dosse; tradução Gilson César Cardoso de Souza. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FREYRE, Gilberto, 1900-1987. *Sobrados e mucambos: Introdução da história da sociedade patriarcal no Brasil – 2: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. – 10ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 1998.

KOFES, Suely. *Uma trajetória em narrativas*. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Terceira Mulher: Permanência e Revolução do feminino*. Coleção: Epistemologia e Sociedade. Ed. Piaget, 1997.

NETO, Manoel Pereira da Rocha *A educação da mulher norte-rio-grandense: segundo Júlia Medeiros (1920-1930)*. Programa de Pós-Graduação UFRN – 2005.

PERROT, Michelle. *Osexcluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_, Michelle. *Mulheres Públicas* / Michelle Perrot. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.- (Prismas).

\_\_\_\_\_,Michelle. *Minha história das mulheres* / Michelle Perrot. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, Marcos Profeta. *Mulheres e poder no Alto Sertão da Bahia: A escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeira (1901 a 1927)*. São Paulo, Alameda, 2012.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres/ Alain Touraine*; tradução de Francisco Morás. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

## APÊNDICE A – QUESTÕES DA ENTREVISTA

1. Para você, quem foi Eunice Braz?
2. Qual o papel que Eunice Braz desempenhou na cidade de São José dos Cordeiros?
3. Eunice Braz era igual às mulheres de seu tempo?
4. Eunice Braz deixou um legado?
5. Qual era a relação de Eunice Braz com as autoridades locais?
6. Como Eunice Braz era vista pela população local?
7. Na sua opinião, Eunice Braz enfrentou desafios? Quais?
8. Consta que Eunice Braz foi *artista plástica*, você tem conhecimento das obras produzidas por ela?
9. Como proprietária da Fazenda Almas, Eunice Braz trouxe progresso para região?
10. Que histórias acerca de Eunice Braz você conhece?

## ANEXO A – ENTREVISTA COM O BIÓLOGO

- 1) Eu conheci a professora Eunice Braz em 2002 com o projeto da Universidade UFPB em João Pessoa-PB em um projeto aprovado pelo CNPQ no **Peld** (Projeto Ecológico de Longa Duração) e consistia em a gente encontrar uma área de *caatinga* ampla e preservada. Nesse contexto de procura a gente localizou a RPPN- Fazenda Almas que era uma unidade de conservação de 3.500 (hm<sup>2</sup>) dentro de uma propriedade de 5.500 hectares. E... nos contatos iniciais a gente fez a apresentação do projeto para ela e ela aceitou...então a partir de 2002 a gente começou as atividades de pesquisa. Em 2004 a gente intensificou alguns projetos de apoio a RPPN e nesse período deu para conhecer um pouco a pessoa de Eunice Braz como proprietária da unidade de conservação, uma das maiores do Brasil e uma das maiores da Paraíba em termos de *caatinga*. Era uma pessoa extremamente forte nas suas decisões, muito centralizada na questão ambiental. Nessa época, meados dos anos 90 foi, que ela criou a RPPN, algo que era algo novo para o Brasil e principalmente para o nordeste e mais especificamente para Paraíba. Então, ela que já que detinha esse conhecimento e transformou grande parte da sua propriedade em unidade de conservação. Então, para mim Eunice Braz foi uma pessoa muito corajosa nesse sentido. Ela tinha uma visão, digamos assim, a frente das pessoas da sua época.
- 2) Bom... eu acho assim... como eu não tive muito contato nesse sentido o que eu escuto falar que geralmente o pessoal relata para mim é que ela realmente era uma pessoa bem educada, gostava das coisas muito as claras.
- 3) Só pelo fato dela ter dado continuidade à preservação da Fazenda sozinha após ela ter ficado viúva e principalmente numa região onde se impera a cultura do machismo e ela sozinha... Para mim ela já é um diferencial muito grande. Ela tinha uns pensamentos e ideias muito futuristas. Ela era uma pessoa visionária! Apesar dela ter uma cultura já bem apurada, por ter visitado vários países: França, Japão (entre outros). Ela até tinha um certo conhecimento e até mesmo uns certos conceitos muito a frente das mulheres normais e das outras pessoas.
- 4) Para mim o grande legado que ela deixou foi à criação da unidade de conservação RPPN Fazenda Almas por se tratar de uma área muito bem preservada, um dos únicos digamos, fragmentos, uma extensão que tem no Cariri. O legado também que eu posso dizer... hoje o Estado da Paraíba tem um posto avançado da reserva da biosfera da *caatinga* que é título dado pela Unesco reconhecido pela ONU que é um título dado a algumas partes do mundo, a

algumas localidades que detêm a paisagem original de como realmente é naquele ambiente. Falando assim parece uma coisa muito clara, mas não é todo ambiente que você encontra alguns fragmentos de vegetação, de paisagem na sua forma natural. Então, acho que o grande legado que ela deixou foi essa reserva para preservação como também todo um conhecimento aportado por traz vem gerando devido a essa criação.

- 5) Tendo a personalidade que ela tinha de ser uma pessoa muito franca e direta e sem muita bajulação. Ela não conseguia ser muito bem vista por algumas autoridades que tinha o autoritarismo como sua linha. Então, assim... quando alguém queria impor para ela certas coisas e ela detinha conhecimento e dos seus direitos ela prontamente usava. Então muitas pessoas não gostavam dela quando ela usava dos seus direitos. E a visão que as autoridades tinham dela é que quando alguém realmente estava cumprindo o seu trabalho ela era uma excelente pessoa. Ela não cobrava além dos seus direitos. Quando era algumas pessoas que não exerciam bem o seu trabalho, não gostavam dela, porque ela realmente cobrava que as pessoas trabalhassem e fizesse o que realmente era para ser feito.
- 6) Quanto à visão da população dela... quem não a conhecia bem, falava que era uma pessoa muito fechada, séria e de pouca conversa. Mas das poucas pessoas que a conheciam achavam ela uma pessoa extremamente divertida, muito brincalhona e contava muitas histórias e era uma pessoa muito boa de se passar o tempo conversando.
- 7) Enquanto proprietária de RPPN nessa modalidade da conservação que o proprietário por sua livre vontade cria essa unidade para um bem comum teria que ter mais apoio dos órgãos ambientais, órgãos federais, o governo em si, o qual ela não teve nenhum desse tipo de apoio. Sabendo que quando se cria uma RPPN você não vai desfrutar de grandes vantagens é... tipo financeiras, porque quando se cria você já sabe que só vai ter uma pequena redução no ITR da propriedade e possível apoio de algum projeto do Ministério do Meio Ambiente coisa que quase nunca acontece, então, mesmo sabendo dessa “desvantagem”... ela criou. Porém, o mínimo que poderia se ter depois dos órgãos federais e de proteção do meio ambiente e do Estado, ela não teve! Então, ela sempre... na época em que eu a conheci, ela relatava que não tinha apoio desses órgãos na condição de preservar sua reserva, onde ela fazia sempre denúncias de caçadores, de invasão e, nem sempre era atendida. E quando ela impunha o seu direito de cidadã e dona de RPPN para que isso fosse feito é... por questões políticas e grande parte de conhecimento, ela não detinha esse pleito. Acho que o grande desafio dela foi os órgãos não terem abraçado a causa dela e apoiado ela nessa questão. Ela sozinha e condições próprias ela manteve essa reserva protegida a muito custo, com muita inimizade e muitos desafetos.

- 8) Sim; quando eu a conheci ela me falou da sua formação, a formação dela era de Artes. Ela se formou em Pernambuco-PE e após a conclusão do seu curso ela fez várias obras, inclusive tem muitas em Campina Grande-PB. Tem algumas em Sumé, na casa da irmã dela, que realmente são obras primas, de uma pessoa que detinha muito talento, não só na pintura como também em escultura. Inclusive, eu recebi uma certa vez uma publicação de um evento onde ela tinha vencido um concurso com a escultura chamada *Bicho de sete cabeças*. Ela presenteou essa escultura a uma professora de João Pessoa. Fora essa questão de pintar os quadros, coisa e tal... ela também fazia muitas pinturas em parede. Inclusive na cozinha da casa da Fazenda tem a pintura da *Santa Ceia* feita por ela na década de 60. Inclusive também ela dava aula em Campina Grande-PB para algumas pessoas que conheciam do talento dela e da didática. E ela tinha na casa, algo que ela não precisava fazer, ela dava aula por prazer. E era os alunos que ela escolhia, não ensinava a qualquer um... quem ela gostava e ela sentia que tinha vontade de aprender ela ensinava.
- 9) Enquanto proprietária de Fazenda, do meu conhecimento é que lá foi uma grande área de produção de algodão. Tem ainda hoje um depósito de algodão muito grande. Tem um maquinário que despulpava a fibra do caroço e que também a fazenda adquiria toda produção do seu entorno. Então, eu acho que enquanto fazenda com essa atividade que era do algodão, ela movimentou bastante a economia da região nesse período do algodão. Em contra partida seu marido lidava com a pecuária, também era um grande criador de gado. Acho que economicamente a Fazenda Almas foi importante nesse aspecto econômico para a cidade. Quanto à questão da reserva, sim, porque ela de certa forma criou um fluxo de pessoas que vieram para região para pesquisar na reserva e em vários âmbitos, tanto na academia, pesquisas mais direcionadas, como alguns pesquisadores estrangeiros que já vieram do México, Estados Unidos, da Bélgica, entre outros, como também na área de educação para o próprio município, vários professores já desenvolvem projetos de educação ambiental, não só na cidade de São José dos Cordeiros-PB como no entorno, Livramento, Sumé. E com isso traz exposição, traz eventos, traz oficinas, disso decorrente da unidade de conservação que foi o cartão de visitas para as pessoas externas. Então, acho que essas contribuições foram as que foram deixadas por ela também.
- 10) Como era uma pessoa bem emblemática aqui na região a gente sempre escuta uma coisa, escuta outra, nem sempre a gente pode saber se é verdade, se não é... mas eu vou contar uma história que não é só dela, mas também é minha. Como a grande maioria sabe, ela faleceu em 2006, foi acometida por uma doença terminal e ao visitá-la em Recife... até então, eu não sabia que ela estava tão doente... ela chegou para mim e falou olhando nos meus olhos: \_

“Olhe meu filho, eu estou muito doente, não tenho muito tempo de vida e não vou tomar remédio nesse pouquinho tempo que eu tenho, porque eu quero estar lúcida. Faça só uma coisa para mim, cuide da minha fazenda por enquanto. Porque eu não tenho medo de morrer! Eu só não gostaria de deixar as coisas sem eu ter deixado organizadas”. Isso assim, olhando para você, sabe? Ela não demorou dez dias, acho que nem cinco. (Eunice Braz veio a óbito).

## ANEXO B – ENTREVISTA COM A HISTORIADORA

- 1) Para mim Eunice Braz foi uma mulher muito a frente do nosso tempo, do tempo dela, ela era bem à frente. Logo ela era uma mulher, vamos dizer assim... que tinha curso superior, o que na época muito poucas mulheres tinham. Eu ainda era criança, mas ela tinha conhecimento de coisas, que aqui a população numa cidade pequena do interior não tinha.
- 2) O papel que ela desempenhou aqui foi de conscientizar as pessoas e mostrar que a gente tinha que preservar nossa cultura, isso ela tentou fazer, apesar de que foi um trabalho duro, ela enfrentou muitos obstáculos, mas ela plantou a sementinha daquela história de que “o que é nosso tem de ser preservado”, falando culturalmente. Ela tentou muito fazer com que esses prédios daqui não fossem demolidos, que fossem conservados, né!? Ela era formada em *Belas Artes* e entendia o valor que tinha para as futuras gerações do patrimônio cultural.
- 3) Era nada!,,, Eunice era totalmente diferente. Ela... na época, como se diz.... na época em que mulher não usava calça comprida, ela usava, né!? Mulher não dirigia trator, ela dirigia. Ela tratava de igual para igual com os vaqueiros da Fazenda. Ela era totalmente diferente... ela não tinha nada a ver com as mulheres da época dela.
- 4) Grande! Só a RPPN Fazenda Almas é um legado enorme que ela deixou para todos, não só para a gente daqui, mas para todos que tem conhecimento, que conhece... os estudantes tem lá uma fonte de pesquisa maravilhosa. Ela contribuiu demais para deixar que as futuras gerações vissem coisas que se não fosse ela, muitos não veriam, não vão ver no futuro.
- 5) Conturbada demais! Imagine!?! Dá para imaginar, né!? Ela era muito corajosa, ela enfrentava tudo. Era assim... ela não tinha medo de dizer a opinião dela, onde quer que ela estivesse. A opinião dela, mesmo que não prevalecesse, mas ela não deixava de dar sua opinião. E isso, até hoje, nos dias atuais, ainda se você fizer isso, ainda não tem uma relação boa com as autoridades porque eles não gostam de quem pensa, quem pensa não tem muito valor. Ela sabia argumentar e tinha coragem de enfrentar, não se calava não... e ela lutava pelo que ela queria. O que ela achava que deveria ser... É tanto que quando ela pegou a parte da terra e transformou em patrimônio, ela enfrentou muitos obstáculos com a família, os herdeiros dela. Não teve filhos, mas tinha os irmãos, os sobrinhos, nem um deles aceitava que ela fizesse isso, alguns... tinha alguns que sim, como ela que sabia da importância daquele legado, mas aqueles que não, que só querem dinheiro, só visam dinheiro... mas ela enfrentou também

dificuldades com a família e não era diferente com as autoridades locais, batia de frente com todo mundo.

- 6) Como uma encrenqueira, uma mulher que gosta muito de encrenca, era assim que ela era vista... que tudo ela era do contra. A maioria das pessoas eram pessoas humildes que não tinham nenhuma formação cultural, vamos dizer assim, então muitas vezes achavam que aquilo era bobagem, era politicagem dela, apesar de que eu nunca ouvi dizer que ela era de partido A, partido B, mas sempre diziam que... como era tudo, era politicagem dela. Mas todo mundo conhecia ela como encrenqueira.
- 7) Alegou já ter respondido na questão anterior.
- 8) Tenho, inclusive lá na casa onde é destinado aos universitários lá na Fazenda dela em algumas obras dela. E na época ela tinha muitas obras. Acredito que a família deve ter dividido entre eles, mas ela tem muito trabalho bonito. Lá na Fazenda tem os quadros contando a história de lá... se você analisar bem. Tem muito quadro dela, ela pintava muito. Quando ela adoeceu, ela estava com um projeto de escrever a história da fazenda, não a história real, mas a história de uma forma encantada com seres, inclusive aquele pátio que tem lá que ela calçou... ali ela chamava o pátio de “Cumade flozinha”. Era assim que ela pretendia contar a história, como uma fábula.
- 9) Na época em que a fazenda... à fazenda teve uma época que era alto suficiente, quem conhece lá, quem “escacaveia” por dentro com se diz. Se você for só para parte de preservação ambiental não, mas se você for mexer por dentro da fazenda, você vê que ela tem toda uma história, ela já foi alto suficiente aos moldes de um feudo da Idade Média, mas depois foi decaindo a fazenda, passou uma época... houve uma época em que ela empregou muita gente, na época do algodão. Mesmo depois que quando o algodão entrou em decadência, eles também criavam gado, muito gado, então precisava de muita gente trabalhando, então passou um tempo, a fazenda decaiu mesmo, veio à seca, a coisa parou. Mas no início a fazenda fornecia muita coisa aqui para cidade: de mel, de rapadura, de carne. Teve uma época que sim, ela contribuiu muito.
- 10) Uma coisa que me marcou de dona Eunice foi quando foram fazer a reforma dessa igreja, que eu não lembro também a data, mas eu lembro que era um Bispo que decidiu modernizar as igrejas. E a igreja daqui era linda, tinha pilastras, tinha um altar lindo, lindíssimo e, resolveram, o Padre resolveu... era Padre Antônio na época. Pe. Antônio resolveu que essa igreja ia ser modernizada e derrubar a pilastras e fazer essa reforma que você conhece hoje. E ela foi totalmente contra e ela botou empecilho mesmo, e ela falava, e ela tentou. Porque hoje a gente vê que ela é quem estava certa. Aqui era pequenininho, não era nem metade do que é

hoje, ainda é pequeno, mas não é... aqui era praticamente duas ruas, aquelas ruas da frente. E nas ruas da frente moravam as pessoas, vamos dizer assim, de poder aquisitivo mais alto da cidade e, decidiram fazer uma reunião para ver quem, como diz... derruba ou não derruba a igreja? Faz a reforma ou não faz a reforma? Era dona Eunice, o padre, o prefeito que na época era Paulo Medeiros. E dona Eunice sozinha, porque só ela era contra, porque as pessoas nessa época as pessoas tinham medo, quem ia falar contra o padre e contra o prefeito? As maiores autoridades queriam derrubar a igreja e ela foi sozinha contra esse povo todo. E ela fez o discurso dela lá, fez a defesa da igreja... que tinha sido construída a muito tempo, que se derrubasse, jamais a gente ia ver aquilo ali... que aquilo devia ser preservado para as futuras gerações. Isso é engraçado porque isso foi à tanto tempo e eu não esqueço nunca disso. Eu fiquei abismada como aquela mulher tinha coragem de sozinha e contra a população inteira, porque estava todo mundo era a favor da derrubada da igreja, uns porque não entendiam o que estava se passando, se perdendo mesmo a história, outros porque o padre e o prefeito eram a favor, então eu vou ser a favor também... não tem muito disso!?. e ela sozinha contra, e ela fez, ela falou. E no final todo mundo apoio o padre e o prefeito e ela ficou sozinha. Então quando ela disse: “é... a maioria é que vence, eu não tenho com impedir vocês de derrubarem a igreja, fiz minha parte... Agora eu vou dizer uma coisa a vocês... (aí eu estava sentada em um banco assim na frente) vocês não vão sentir falta não, vocês não vão entender o que vocês estão perdendo agora. Agora está menina que está aqui, ela ainda vai ter consciência do que se perdeu da história de um povo, de uma população e realmente foi isso que aconteceu. E realmente hoje, todo mundo sente falta, todo mundo sabe que ela é quem estava com a razão. Aquela menina se tornou uma historiadora e talvez tenha sido influenciado por isso mesmo, marcou muito, muito mesmo! Ela fez de tudo que pôde, mas se tornou uma questão política. Nesse dia teve uma votação, as pessoas que estavam na igreja decidiram que era melhor (a reforma). Inclusive, nesse dia ela ofereceu um terreno para se construir – ela tinha muito terreno aqui ao redor – uma igreja nova, a igreja de São José que está sendo construída hoje. Ela deu a ideia “vamos construir uma igreja para São José que não tem aqui... eu dou o terreno, a gente constrói, eu ajudo no que puder... e a gente deixa essa do jeito que ela está e constrói uma moderna, mas ninguém aceitou.